



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
CURSO DE LETRAS

ASPECTO CULTURAL E RELIGIOSO DA LITERATURA POPULAR EM “A FANTÁSTICA PEREGRINAÇÃO DO CORONEL SEVERINO LUCIANO E SUA TROPA DA SERRA DE SANTA FÉ AO ARRAIAL DO BONFIM ATRÁS DE UM RABO DE SAIA”, DE FABIANO LUCENA.

Por: Bruna Stefânia Simplício da Silva

Campina Grande-PB, 2015

BRUNA STEFÂNIA SIMPLÍCIO DA SILVA

ASPECTO CULTURAL E RELIGIOSO DA LITERATURA POPULAR EM “A FANTÁSTICA PEREGRINAÇÃO DO CORONEL SEVERINO LUCIANO E SUA TROPA DA SERRA DE SANTA FÉ AO ARRAIAL DO BONFIM ATRÁS DE UM RABO DE SAIA”, DE FABIANO LUCENA.

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

Campina Grande-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Bruna Stefânia Simplicio da
Aspecto cultural e religioso da literatura popular em "A fantástica peregrinação do Coronel Severino Luciano e sua tropa da Serra de Santa Fé ao Arraial do Bonfim atrás de um rabo de saia", de Fabiano Lucena [manuscrito] / Bruna Stefania Simplicio da Silva. - 2015.
18 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura Popular 2. Religiosidade 3. Cultura Popular I.
Título.

21. ed. CDD 398.2

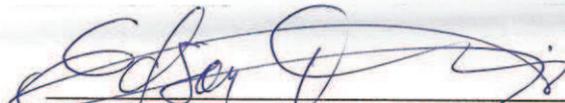
BRUNA STEFÂNIA SIMPLÍCIO DA SILVA

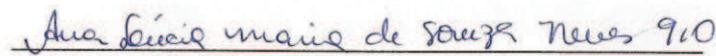
ASPECTO CULTURAL E RELIGIOSO DA LITERATURA POPULAR EM “A FANTÁSTICA PEREGRINAÇÃO DO CORONEL SEVERINO LUCIANO E SUA TROPA DA SERRA DE SANTA FÉ AO ARRAIAL DO BONFIM ATRÁS DE UM RABO DE SAIA”, DE FABIANO LUCENA.

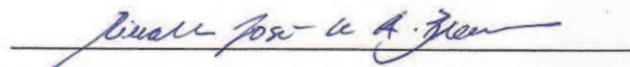
Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

Data da apresentação: 03/12/2015

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB - Orientador


Prof. Dr. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves – UEPB - avaliadora


Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão – UEPB - avaliador

NOTA: 9,0

À minha família, pela confiança e incentivo demonstrados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meu caminho e por fazer com que esse sonho se realizasse.

Agradeço a minha família – meu pai, minha mãe, minha irmã, meus avós – e meu namorado, que é a base da minha vida, sinônimo de amor, compreensão, incentivo e dedicação.

Agradeço a todos meus professores, à UEPB e ao Departamento de Letras e Artes, por todos esses anos de transmissão segura de conhecimentos a serem partilhados.

Agradeço também a todos os meus amigos, que, direta e indiretamente, me ajudaram com entusiasmo e companheirismo, durante toda esta jornada da graduação.

À banca de avaliadores, que muito prontamente aceitaram fazer parte desse momento da minha vida.

Finalmente, agradeço àquele que me acolheu de braços abertos, me conduzindo pelos caminhos da pesquisa, com paciência, seriedade e confiança: Edson Tavares Costa.

O meu muito obrigada a todos que, com um sorriso, um abraço, uma palavra de conforto, me incentivaram, dando sua contribuição para o meu sonho.

“Ao vencedor, as batatas”.

Machado de Assis

RESUMO

A proposta deste texto é analisar, na obra de Fabiano Lucena, aspectos da Literatura Popular essenciais para sua ascensão e reconhecimento no cânone literário. Centrando no elemento cultural e religioso da Literatura Popular, discutiremos conceitos de literatura e de religiosidade, destacando sua importância na cultura de uma sociedade. A obra de Fabiano constitui uma narrativa simples e linear, contada em verso e prosa, em que a fé e a força do amor prevalecem, e o bem vence o mal. A obra recria aspectos da cultura popular, trazendo à tona elementos que reacendem aventuras e romances medievais. Serão utilizados, nesta investigação, como referencial teórico, Xidieh (1972; 1993), Abreu (2006), Bessa (2011).

Palavras-chave: Religiosidade. Cultura. Literatura Popular.

INTRODUÇÃO

A religiosidade popular é marca importante na nossa literatura. Muitos foram os autores, a exemplo de Jorge Amado, Patativa do Assaré, Ariano Suassuna, entre outros, que aproveitaram dela características fundamentais para seus trabalhos literários. Seguindo conceitos do senso comum, a fé é uma crença religiosa, que assume valores espirituais essenciais para a subjetividade humana. A literatura, em seu papel artístico, esmiúça essas características, no trabalho de criação de um autor, que se utiliza, com recursos linguísticos e criativos, de um fato verossímil, dando-lhe outras perspectivas, muitas vezes tornando-as alegorias de uma determinada realidade.

A literatura e a religiosidade caminham juntas, principalmente, no que diz respeito as práticas culturais. O pragmatismo da religiosidade popular se junta aos fatores mágicos, na elaboração de promessas e apelo aos milagres, a fim de solucionar os problemas vividos pelo indivíduo.

Fabiano Lucena articula sua obra entre a poesia popular e a linguagem culta, para realçar esse entrelaçamento entre o texto oral e o texto escrito, em seu livro “*A fantástica peregrinação do coronel Severino Luciano e sua tropa da serra de Santa Fé ao Arraial do Bonfim atrás de um rabo de saia*”. Essa Literatura, sendo herdeira do romanceiro tradicional, carrega consigo aspectos peculiares, que a tornam popular. Dentre esses aspectos, destaca-se a religiosidade popular, em que o fantasmagórico e o erudito se mesclam, caracterizando os costumes e a cultura de um povo.

Fabiano Carvalho de Lucena nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 3 de julho de 1979. Filho de Solon de Lucena e Maria de Lourdes Carvalho de Lucena, formou-se em Administração de Empresas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, onde também cursou História. Desde a época de estudante secundarista, começou a se interessar pela atividade política, tendo assumido, em 1994, a presidência do Grêmio Estudantil do Colégio Marista Pio X. A *Fantástica Peregrinação* foi uma forma de recriar um fato autobiográfico, apenas como forma de lembrança de uma história de amor que tivera.

Literatura e Religiosidade popular

A poesia/cultura popular, em meados do século XVIII, sofria o desprezo do pensamento intelectual europeu da época, pois não eram respeitados os costumes e a literatura oral produzida pela classe popular, considerada como algo sem rebuscamento e ingênuo. Hoje essa literatura se fortaleceu, não só pela ascensão do folheto de cordel, mas também por vários autores conceituados beberem dessa literatura popular e oral para enriquecer seus trabalhos literários, a exemplo de Ariano Suassuna. Segundo Söderhjelm, “nenhuma pátria pode existir sem poesia popular. A poesia não é senão cristal em que uma nacionalidade pode se espelhar, é a fonte que traz à superfície o que há de verdadeiramente original na alma do povo.” (*apud* ABREU, 2006, p. 52).

A religiosidade popular entra neste âmbito, realçando o vivido, em oposição ao doutrinário. A peregrinação, as crenças religiosas, as devoções e preces são características que talvez definam o que seria essa religiosidade popular, em oposição à doutrina instaurada pelo Catolicismo. Fabiano Lucena utiliza-se de recursos dessa mistificação entre o popular e o erudito, para desembocar numa narrativa em que, não só é delineada a história dos personagens principais, mas também evidenciada a cultura da região, destacando a moral, a justiça e o amor, como forças e formas de sobrevivência cultural de um povo.

Vem desde os preâmbulos do Brasil Colônia a investigação em torno da religiosidade popular, com a qual o Catolicismo procura se fundir, embora ressaltando os valores culturais do povo português. No Brasil, o Catolicismo foi instaurado pelos Jesuítas, que, obviamente, objetivaram implantar e ampliar a visão defendida pela Igreja Católica. Essa prática religiosa trouxe consigo aspectos particulares de sua cultura, e que aqui tomaram forma gigantesca. As práticas religiosas, tidas como populares pelos portugueses, também foram disseminadas, reunindo expressões singulares do povo, através das manifestações e adorações a divindades.

A religiosidade trazida pelos colonizadores reflete não apenas a expansão de uma religião já estabelecida, mas também as singularidades dessa religiosidade, em que se valorizam aspectos da fé, através de práticas e exercícios individuais de comunicação com Deus, sendo mediadas por celebrações, novenas, romarias, peregrinações, procissões, entre outras, que aconteciam e acontecem até hoje. Embora a cultura popular fosse livre, durante um tempo, ainda passou a ser reclusa, determinada pela disciplina clerical. Chartier (1995, p. 179) afirma que a cultura popular é também erudita, mas que sua colocação precisa ainda ser revisada para saber ao certo o que é dito como popular:

Assumindo o risco de simplificar ao extremo, é possível reduzir as inúmeras definições da cultura popular a dois grandes modelos de descrição e interpretação. O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância e legitimidade cultural da qual ela é privada.

Enquanto os religiosos na zona urbana, durante o período em que o Brasil ainda era colônia de Portugal, fixavam nos templos maiores (igrejas) seus ideais de fé pela palavra, movimentava-se no campo e nas zonas menos abastadas das cidades essa religiosidade popular, que privilegiava e animava a população tida como menos disciplinada, por não ser instruída pelo clero regular. A religião então passa a ter a função também de organizar e segregar a sociedade.

A zona perfeitamente rural, o âmbito dos sítios e das fazendas, fecha-se, sob diversos aspectos, à cidade ou à vila. Na intimidade desse meio social, que, em nosso País, sempre encontra vantagens de diversos gêneros em se manter longe da cidade – esse lugar que cobra imposto, lança multas e só quer comer, no pensar do caboclo – abrigam-se impressionantes costumes religiosos e um maravilhoso... folclore. (XIDIEH, 1972, p. 14)

Daí nasceram os rituais, danças, manifestações culturais particulares de um povo. A demonstração da religiosidade popular pode ser entendida, então, como um elo entre energias do homem com suas divindades, a fim de propósitos individuais e coletivos, como podemos observar na obra de Fabiano de Lucena.

E a Literatura? Segundo Abreu (2006, p. 32), “Literatura é a arte da palavra e existe para provocar o deleite e ampliar a visão de mundo do leitor”; percebemos, na Literatura, uma riqueza significativa de valores sociais, compartilhados a partir da ficção e realidade. É na Literatura que encontramos resquícios verossímeis para compreender fatos da realidade, numa ponte entre passado e presente.

Muitos autores procuram exteriorizar, na Literatura, suas predileções religiosas, seus costumes e culturas. Xidieh(1972) abarca instrumentos, situações e práticas religiosas populares presentes na Literatura, a fim de propor uma ampliação de elementos da cultura popular e seus aspectos. É na Literatura que recriam-se fatos, descrevem-se situações e costumes antigos, necessários para a manifestação da História e a manutenção da tradição literária. O senso

de justiça é destacado como um dos fatores que se evocam a partir de coisas e situações imediatas e inequívocas, como pode ser visto na obra de Fabiano Lucena, admitindo certa vinculação entre o campo do sagrado, através da Fé, e do sobrenatural.

Apesar de Literatura e Religião se mostrarem como realidades distintas, assemelham-se sentido como são experienciadas. É patente a presença maciça de religiosidade na nossa literatura. Na poesia popular, com a expansão dos folhetos de cordel, fica clara a riqueza das credences e costumes religiosos. É variada e riquíssima a série de práticas religiosas encontradas na Literatura Popular. Em “*A fantástica peregrinação do coronel Severino Luciano e sua tropa da serra de Santa Fé ao Arraial do Bonfim atrás de um rabo de saia*”, delineiam-se características da cultura oral e popular, enraizadas a partir de disposições de um ser, para superar e afastar o mal que o rodeia. A busca e a confiança na fé criam forças para vencer os obstáculos existentes. As práticas mágico-religiosas são consideradas como ato de interesse coletivo, a que se superpõem outros elementos de diversas origens e funções.

ANÁLISE DO TEXTO

A Fé, como principal elemento que contribui para a peregrinação do personagem protagonista da obra analisada, é uma característica importante para a constituição da narrativa, uma vez que a religiosidade é utilizada como forma de reforçar e solucionar os problemas individuais dos membros de determinada sociedade. O fazer literário, em sua perspectiva cultural, nos leva a refletir sobre esse reaproveitamento da cultura medieval, que introduz e mescla a cultura popular com a nordestina.

A narrativa conta a fantástica peregrinação do Coronel Severino Luciano e sua tropa, da cidade de Santa Fé para o Arraial do Bonfim, à procura de reconquistar e resgatar sua amada, que está prestes a casar-se com o seu inimigo político, o Coronel Belzebu. O espaço da história é alternado de acordo com os lugares por que a Peregrinação passava, a começar de Santa Fé, movimentando-se eventualmente entre a Ilha do Sol, Parahyba-Filipeia, São José dos Piranhas, Umbuzeiro, Vila Nova da Rainha, Capitania de São Salvador, Sauípe e, finalmente, Arraial do Bonfim.

Um narrador sagaz determina, na narrativa, um ar humorístico, a partir do próprio apelido de Zé Pínel, por ninguém acreditar na história que iria contar:

Quando cheguei pelas bandas do Nordeste, há quase um século, ninguém acreditou na minha história, virei motivo de piada. Por isso que me chamam de Zé Pinel. De lá pra cá nunca mais falei no assunto. As pessoas que riram de mim já se foram, de morte matada ou de morte morrida. Mas a alcunha de Pinel me persegue até hoje. Eu já até me acostumei; afinal, já se passaram quase cem anos.(LUCENA, 2007 p. 15).

Ao seguir com a narrativa, o narrador vai apresentando os personagens da história, que gira em torno de três principais: Coronel Severino Luciano, Coronel Belzebu e Linda Pormaria. Belzebu é tido como inimigo político de Luciano e que queria tomar o poder da Capitania da Parahyba. Desde os tempos de escola, os dois divergiam entre si, porém Luciano sempre era mais querido por todos, o que fez nascer um rancor em Belzebu.

Belzebu era homem de coração rígido. Comandava com pulso firme a Capitania de São Salvador. Inimigo de Luciano desde a primeira infância, quando perdeu para o nosso coronel uma partida de bolinha de gude. No colégio, a rivalidade entre ambos se acentuou. Brigavam pela cadeira onde assistiam aula, pela direção do grêmio estudantil e pelas garotas. Incomodado com o resultado de uma dessas eleições da escola, Belzebu, ainda adolescente migrou da Parahyba rumo a São Salvador, estabelecendo-se no Arraial do Bonfim, nas margens de uma grande baía. (LUCENA, 2007, p. 20)

Linda Pormaria era uma moça de grande prestígio em Filipéia (capital da Parahyba), vinda do Reino de Solonópole, das estâncias do Ceará, e que trabalhava na casa do Coronel Luciano. Linda chamava atenção por onde passava, devido a sua beleza radiante. A narrativa é delineada, então, a partir desses três personagens principais.

Coronel Severino Luciano era um político que representava o Partido Cristão, o qual sempre arrecadava a maioria dos votos do povo da região. Seu inimigo político desde a infância, o Coronel Belzebu, diferentemente do Coronel Luciano, era um homem rígido e vingativo. Após tantas divergências, Belzebu resolveu mudar-se da Terra da Filipeia para Arraial do Bonfim, a fim de se reestabelecer, e assim ganhar prestígio e poder, faltando-lhe, entretanto, o carinho do povo e uma esposa de posses. Linda Pormaria, angustiada devido à desatenção do Coronel Luciano, desfez o noivado, que estava marcado para o dia 12 de junho, dia de Santo Antônio. Sabendo deste fato, Belzebu tratou logo de procurar a moça para pedir-lhe a mão em casamento. Toda a região da Parahyba ficou comovida com o fim do noivado da moça com Luciano. O amor dos dois era terno e puro. Coronel Luciano, no entanto, tomou isso como uma afronta, e tratou de falar com seu amigo fiel *e consigliere* Dom Flávio, para reunir uma Tropa e ir, em peregrinação, até sua amada, para impedir o casório, conseguindo seu intento e reconciliando-se com ela.

Como narrativa de cunho popular, os dois personagens principais carregam características dos contos medievais que configuram os atributos morais dos protagonistas na história. Os personagens são incisivamente desenhados e seus atos encarnados por papéis imutáveis ou invariáveis que são para a literatura popular formas padronizadas. Xidieh (1993, p. 108) destaca:

Há personagens sérios e corretos, bons e virtuosos, com conduta inflexível sempre no caminho do bem e da justiça. Há personagens maus, de inveterada e irremediável maldade, laborando sempre maleficamente. [...] Mas essas figuras não são simples imagens que a literatura popular vai embaralhando e distribuindo pelos diversos gêneros de narrativas. São as formas padronizadas e consagradas pela experiência coletiva no sentido de se constituírem, para possíveis pontos de referência, as categorias de tipos humanos.

O Coronel Severino Luciano é caracterizado como homem bom, guerreiro e forte. O nome Luciano conforme sua etimologia já carrega um valor moral agregando a figura do personagem e suas ações. Luciano que vem de *Lucius* > *lux* significa um ser nascido da Luz, um ser luminoso perante todos. Neste sentido, essa característica é pertinente do ponto de vista que o personagem é o herói da história.

Linda Pormaria caracterizada devido a sua formosura, além de carregar em seu nome um atributo que a engrandece - Linda -, também remete-se a grande mãe – Maria- , evidenciando assim a característica do religioso na história.

Já seu oponente, o Coronel Belzebu, é caracterizado na história como inimigo de Luciano. Seu nome, conforme a etimologia, advém de um dos nomes do Diabo, caracterizando assim a presença do mal na narrativa. Percebe-se, portanto, que a narrativa concentra-se também no debate de uma questão bastante específica: a luta entre o bem e o mal, reforçada por tais elementos de luz e trevas, de anjo e demônio, característicos da cultura popular.

No périplo, são apresentadas características eminentes dessa cultura popular, em especial da religiosidade. Durante a peregrinação, o Coronel Luciano e sua tropa passam por festividades típicas da região, e sempre é enfatizada a Fé como fator primordial. Sendo assim, fica evidente que o entendimento da Fé só é alcançado a partir de um esforço, pois esta sem obras de nada vale, e destacando o gosto pela penitência, que é praticada não individualmente, mas na coletividade, como uma espécie de autoflagelação, com o intuito de alcançar a graça divina e solucionar seus problemas.

A peregrinação começa no Arraial de Santa Fé, onde o coronel buscara força para sua caminhada, pois até então nunca tinha sido derrotado, e afastar-se de sua amada seria a pior de

todas as derrotas: “O coronel era uma homem de muita fé e devoto de grande número de santos. Ele sabia que para este problema ser resolvido a contento teria que iniciar sua caminhada no Santuário de Santa Fé, nos confins da Parahyba” (LUCENA, 2007, p. 25).

A comunidade de fé funciona, na religiosidade popular, não apenas como apoio, mas também como indicativo de pertencimento. Diante de contextos externos de exclusão, de rejeição na família, de incompreensão no trabalho, de fracassos nos estudos, de pressões de todo tipo, a comunidade de fé é o local da acolhida, onde as pessoas são aceitas e valorizadas. (BESSA, 2006, p. 3)

Os elementos mágicos como características da cultura/religiosidade popular também são apresentados na narrativa. Esses elementos constituem o caráter fantasmagórico das histórias da cultura popular, dão um tom mítico ao enredo e ajudam o herói a sair de situações perturbadoras. O Coronel Belzebu, com sua amargura, joga o feitiço da ema contra o Coronel Luciano, o que facilita que a tristeza tome conta do seu coração, dificultando tocar o coração de Linda, pois ela só ficaria com quem realmente a amasse. O feitiço só acabaria quando a ema gemesse para outra pessoa. Assim, Luciano conseguiria conquistar novamente sua amada.

Deu-se que um dia, muito tempo depois, choveu durante a noite pelas bandas do sertão. O coronel não sabia, mas quando a ema geme para alguém, finda o feitiço sobre a pessoa amaldiçoada pelo canto anterior. O feitiço desaparecera. O coração da princesa estaria receptivo novamente. O beijo no olho esfregou a porção mágica nos cílios da princesa, e o amor voltara a habitar o coração de sua amada (LUCENA, 2007, p. 59).

O feitiço constitui um dos fenômenos mágicos para fins funestos, pelos malefícios causados, embasando o pressuposto de que se pode agir sobre alguma coisa, mesmo a longa distância. Advinda das crenças populares, o feitiço da ema está presente na narrativa, caracterizando, mais uma vez, o aspecto mágico das credences populares. Essa referência à ema também está presente no cancionário popular: “Você bem sabe, que a ema quando canta / Traz no meio do seu canto um bocado de azar” (João do Vale).

Outro elemento mágico é apresentado na narrativa nas estâncias do Ceará, para resgatar e pedir o perdão de sua amada, Luciano utiliza um pó mágico, que o faz ficar, rapidamente, próximo de Linda:

Ao descer de sua nau no cais do porto, Luciano carregava um pequeno saco. Era o pó mágico dado pela princesa Annas que não tivera a oportunidade de usar no Arraial do Bonfim. Ele abriu o saco, mascarou o feitiço e foi ter com sua amada. Em poucos minutos estava diante dela (LUCENA, 200, p. 59)

Outros escritores, a exemplo de Monteiro Lobato, usaram deste elemento mágico para compor suas histórias, a exemplo do pó de pirlimpimpim, utilizado pelos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo para se deslocarem com rapidez de um mundo para outro.

Fabiano Lucena escreveu a história em prosa e em verso, ressaltando certa relação entre texto oral e o texto escrito. A literatura oral, herdeira dos romances medievais, implica a preservação de uma tradição e um estilo próprio, que se mesclaram, ao longo dos tempos, com a literatura escrita. Considerando a obra literária como um sistema, as relações entre oral e escrito demarcam as convenções literárias e aspectos da realidade regional, redimensionados nessa dialética. O popular e o erudito, no entanto, são faces de uma mesma moeda e uma mesma origem. A literatura popular, assim, como as outras, nutre-se dessa mistura, o que está presente também na obra de Fabiano Lucena.

O autor buscou, na sua obra, familiarizar-se com a cultura popular, ressaltando o fo-



lheto de cordel como suporte para criação da história em versos. O cordel, como sinônimo da literatura oral e popular no Brasil, incorporou temas dos mais variados, como as histórias de batalhas, histórias de amor, aventura, crimes e fatos sociais, características também presentes na narrativa em análise. A aproximação com o folheto de cordel é percebida também pela presença das xilogravuras ao longo da narrativa, gravuras que também relatam a história em forma de desenhos.

Percebemos, na obra de Luciano, aspectos da Literatura Popular, essenciais para a sua identificação como uma narrativa que merece reconhecimento no cânone, tais como:

- a) Amor como forma fantasmagórica, com o protagonista utilizando-se de elementos mágicos para conquistar sua amada. Assim como nos contos tradicionais medievais e populares, na narrativa em análise, o amor sempre vence o mal. O uso de elementos mágicos torna a história fantástica, porque eles favorecem e ajudam o protagonista a solucionar o problema. Exemplo:

Luciano quando soube/ Da bela situação,/ Pega o pó mágico e viaja/ Para aquela região,/ A fim de reconquistar/ A luz do seu coração. Um beijo no olho dela, / E aplicando um punhado/ Do misterioso pó/ podia estar sossegado, / Linda voltaria a ser/ O seu anjo apaixonado.(LUCENA, 2007, p. 141.)

- b) Universo fantástico, com elementos de aventura e cavalaria. É típico dos contos populares tradicionais histórias de aventura, em que o protagonista utiliza-se de recursos e objetos de cunho heroico, aproximando e fazendo dialogar o ficcional e o real. Exemplos:

Enfim a Bonfim chegamos,/ Porém muito cautelosos,/ Porque os camaleões/ Eram muito perigosos,/ Mas os homens de Sauípe/ Eram mais audaciosos. Seu exército precisava/ Ficar mais esguarnecido, / Do abrigo do chinês/ Sauípe o fez aludido,/ Que dava visão completa/ De atirar sem ser ferido.(LUCENA, 2007, p. 127)

Enfrentou o tempo brabo / Tempestades, trovoadas, / Abriu picadas imensas, / Rasgou cortes e estradas, / pra buscar sua Linda / Maior de todas amadas. / Enfrentou vilões e monstros / De aspecto assustador, / Combateu toda tristeza, / Amargura, dissabor... / Espalha por toda Ilha / A força do seu amor. (LUCENA, 2007, p. 91)

- c) Presença de um protagonista sagaz, que interage com o fato ou destino. A história é delineada pela ação do próprio Coronel Luciano, fazendo com que seus objetivos sejam alcançados indubitavelmente pela sua força e vontade. Exemplo:

O Coronel Luciano/ Tal qual um herói na guerra,/ Em pouco espaço de tempo/ Subiu vale desceu serra,/ Para buscar sua amada/ e trazê-la pra sua terra. Enfrentou o tempo brabo/ Tempestades, trovoadas, / Abriu picadas imensas, / Rasgou cortes e estradas, / Para buscar sua Linda/ maior de todas amadas.(LUCENA, 2007, p. 91)

- d) Culto à religiosidade, o protagonista obtém, através da fé, força para suas atitudes. A cultura popular contém signos e características próprias, que permanecem de geração para geração, como o apego ao religioso, que é primordial, pois une as almas errantes e as ajudam a se reencontrar. O apelo aos milagres também é forte na religiosidade popular, uma vez que é do clamor às alturas que vem a graça divina para as respostas do sentimento humano. É pela Fé que se buscam soluções para enfrentar os problemas. Exemplo: “O Coronel era forte/ Do jeito que este herói é, / Devoto de muitos santos/ Jesus, Maria, José.../ Resolvia seus problemas/ Na força de sua fé.” (LUCENA, 2007, p. 85)

e) Herança dos contos maravilhosos, em que, no final, o casal apaixonado ficafeliz para sempre. Assim como toda história de amor, obstáculos são percorridos pelo mocinho e mocinha, afim de ficarem juntos e serem felizes, embora sempre sejam postos na trajetória empecilhos que os distanciam, dando um clima de suspense às narrativas românticas, mas, no final, o bem vence o mal e o casal apaixonado consegue ficar junto. Na *Fantástica Peregrinação...*, essa herança dos contos maravilhosos também aparece. Exemplo: “Assim esse amor imenso/ Que suportou vendavais, / Incertezas, sofrimentos, / Perseguições infernais, / Uniu-se por toda vida/ Pra não morrer nunca mais!” (LUCENA, 2007, p. 143)

f) O humor presente na literatura popular advém da tradição oral, que era um meio de entretenimento para a população. O caráter humorístico é nivelado a partir da linguagem típica de uma região, aproximando a sociedade da realidade vivenciada. “O humor percorre quase toda literatura popular” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 98), e, na obra em análise, não é diferente; recontada em verso, o humor, que nasce de situações inusitadas, com versos deslocados e do próprio vocabulário local, acaba sendo peça principal desse enredo. Exemplo:

A batalha começou, / Um tombava, outro gemia, / Sangue umedecendo a terra / Quando a espada batia, / Os camaleões gigantes / Nenhum na luta tremia. // O soldado que guardava / O posto nem se moveu, / Assistia todo o drama / Aí com o punho meu / Acertei nele uma flecha, / Ele caiu e morreu. (LUCENA, 2007, p.128)

Sendo assim, fica evidente a hibridização entre cultura popular e erudita, partindo do pressuposto da relação entre religiosidade popular e literatura. Cabe ressaltar que a literatura aqui não é vista apenas como uma arte carregada de significados, mas também como forma de expressão que estabelece possibilidades de encarnar a representação de uma sociedade que busca na religiosidade popular subsídios para solução de seus problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, compreendida como uma manifestação e expressão do pensamento e de práticas sócio-históricas, possibilita a sublimação da realidade, através de recursos próprios,

que a caracterizam como arte. Em *AFantástica Peregrinação...*, percebemos a riqueza cultural que a obra enlaça. O popular e o erudito se mesclam, numa narrativa simples, evidenciando não apenas a ação dos personagens, mas também a cultura e costumes típicos de uma região, heranças históricas, que contribuem para a manutenção da tradição literária e cultura popular.

O objetivo, neste trabalho, foi o de estabelecer um vínculo entre literatura e a religiosidade, tendo como base os estudos sobre cultura popular. As semelhanças entre religiosidade popular e literatura dão-se na obra de Fabiano Lucena, na estrutura interna como a narrativa foi construída, ou seja, na maneira como é ela é experienciada.

Religião e literatura passam a ser não duas dimensões totalmente distintas, pelo contrário, as duas revelam as facetas da realidade que nos cercam, e que, por vezes, é silenciada pelas ideologias da literatura e religião dominantes. Portanto, o que podemos perceber, a partir deste breve estudo é que, mesmo na complexidade da cultura popular, descobrimos que a literatura e religiosidade caminham juntas e a obra de Fabiano Lucena resgata esse resquício da religiosidade popular, unindo o fantasmagórico, as crenças populares e o erudito.

RESUMEN

La propuesta de este texto es analizar, en la obra de Fabiano Lucena, los aspectos de la Literatura Popular esenciales para su ascensión y reconocimiento en el canon literario, Partiendo del aspecto cultural y religioso de la Literatura Popular, serán recuperados los conceptos de literatura y religiosidad, destacando su importancia en la cultura de una sociedad. La obra de Fabiano constituye una narrativa simple y linear, contada en verso y prosa, en la que la fe y la fuerza del amor prevalecen, y el bien vence el mal. La obra del autor recrea los aspectos de la cultura popular, enfatizando elementos que oriundos de las aventuras y de los romances medievales. Utilizaremos, en esta investigación, referencial teórico de Xidieh (1972; 1993), Abreu (2006) y Bessa (2011).

Palabras-clave: Religiosidad. Cultura. Literatura Popular.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Unesp, 2006.

BESSA, Daniela Borja. **A literatura de autoajuda cristã e a religiosidade popular**. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 19: Protestantismo e Pentecostalismo na modernidade.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular – revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n.16, 1995.

LUCENA, Fabiano. **A fantástica Peregrinação do Coronel Severino Luciano e sua Tropa da Serra de Santa Fé ao Arraial do Bonfim atrás de um Rabo de Saia**. João Pessoa: Forma Editorial, 2007.

MARINHO, Ana C.. PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas Populares**: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo Mundo. Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1993.

_____. **Semana Santa Cabocla**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.